casadesarmento
centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

TESOURO PRÉ-HISTÓRICO DE BONABAL, TORRES VEDRAS.

TRINDADE, Leonel; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1964 | Número: 74

Como citar este documento:

TRINDADE, Leonel; FERREIRA, O. da Veiga, Tesouro pré-histórico de Bonabal, Torres Vedras. *Revista de Guimarães,* 74 (3-4) Jul.-Dez. 1964, p. 271-280.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Tesouro pré-histórico de Bonabal (Torres Vedras)

Por LEONEL TRINDADE
e O. DA VEIGA FERREIRA

I — *Meio arqueológico*

O Concelho de Torres Vedras é duma grande riqueza em antiguidades pré- e proto-históricas (1).

As estações que têm dado jóias ou objectos de ouro também não são raras. Assim, por ordem cronológica, indicaremos, em primeiro lugar, a grande «tholos» do Barro, onde se encontrou um anel espiralado do tipo do das grutas artificiais de Palmela (2), do de Rio Maior (3), e dos das grutas artificiais de S. Pedro do Estoril (4).

A seguir vem a gruta artificial da Ermegeira (Maxial) (5), que deu um par de brincos de ouro intactos, iguais, pela técnica e pela forma, a ùm encontrado isolado, em Estremoz, e a um fragmento que provém da gruta sepulcral da Cova da Moura (Torres Vedras) (6).

---

(1) Blibliografia dos autores sobre o Concelho de Torres Vedras.

(2) Vera Leisner, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme». *Mem. Serv. Geol. de Portugal*, N.º 8 N. S. Lisboa 1961.

(3) M. Heleno, «Joias pré-romanas». *Ethnos*, Rev. do Inst. Português de Arqueologia, Hist. e Etnog. vol. I, Lisboa, 1935.

(4) Vera Leisner, A. do Paço e Leonel Ribeiro, *As grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Edição da Fundação C. Gulbenkian, Lisboa, 1963.

(5) M. Heleno, «A gruta artificial de Ermegeira.» *Ethnos*. Rev. do Inst. Português de Arqueologia, Hist. e Etnog., Vol. II, Lisboa 1942.

(6) R. Belo, L. Trindade e O. da Veiga Ferreira, *Com. Serv. Geol. de Portugal*, Vol. XLV, Lisboa, 1961.

Os brincos da Ermegeira eram acompanhados de uns pequenos tubos de ouro feitos de lâmina batida.

Por último indicamos o tesouro do Outeiro da Cabeça, constituído por pequenos brincos de ouro, argolinhas, brincos lisos de fio e alguns fragmentos inclassificáveis.

A juntar a esta riqueza de jóias áureas no Concelho de Torres Vedras surgiram agora as duas peças inéditas do Bonabal, de que nos propomos dar notícia em primeira mão.

II — *História da descoberta*

Nos princípios do mês de Junho de 1964, um dos signatários da presente nota (L. T.) foi informado pelo ourives de Torres Vedras, Sr. Emílio Luís Santana, de que lhe tinha chegado às mãos uma cadeia de ouro formada de oito hélices cilíndricas.

Uma vez em contacto com aquele senhor soube-se que a jóia tinha sido encontrada por Constantino Rafael Gomes, quando procedia ao trabalho de amontoar terra às batateiras na propriedade chamada Pena Seca, freguesia de S. Mamede, Concelho de Torres Vedras. A citada propriedade fica à beira da estrada que da povoação de Bonabal se dirige ao Casal do Vale.

Em meados desse mês de Junho chegou às mãos do ourives Sr. Helder dos Santos Torres um bracelete de ouro proveniente do mesmo local, Pena Seca, e que fora encontrado numa propriedade que confina com aquela onde haviam sido descobertas as hélices de ouro (1).

O achador do bracelete diz que apareceram mais peças, porque uma sua filha encontrara um objecto mais pequeno, também de *metal amarelo*, que deixou no terreno em virtude de julgar não ter qualquer valor.

---

(1) Cumpre-nos, com muito gosto, pôr em relevo o espírito de isenção e de altruísmo dos ourives Snrs. Emílio Luís Santana e Helder Santos Torres. Muito ao contrário da maioria dos seus colegas, estes, sensatamente, deram a conhecer estas jóias pré-históricas e salvaram assim duas antiguidades nacionais de grande merecimento.

Como se depreende, todos estes achados pertenceriam a um tesouro enterrado, que os trabalhos agrícolas devem ter dispersado revolvendo a terra, e agora apareceram à superfície numa área muito mais extensa.

Por esta razão, incluimos no nosso estudo estes objectos dispersos, sob o título comum de «Tesouro de Bonabal».

III — *As hélices de ouro*

Como já dissemos esta jóia é constituída por oito hélices de arame de ouro, que nos parece de muito bom quilate, com cerca de 2mm de diâmetro e com o peso total de 190,90 grs., o que dá em média para cada hélice o peso de 23,8 grs. As pontas das hélices são afiladas. Têm as seguintes medidas:

Número de voltas		**diâmetro**
1.ª	7 1/4	24 mm
2.ª	7 1/2	24 mm
3.ª	7 1/2	25 mm
4.ª	8 3/4	23 mm
5.ª	8	26 mm
6.ª	8 1/8	30 mm
7.ª	9 1/4	23 mm
8.ª	7	30 mm

Comparação e cronologia:

Em Portugal as hélices mais semelhantes às agora encontradas, embora algumas de diâmetro superior, são as do tesouro de S. Martinho (Alcácer do Sal) (1), e as aparecidas há anos em Chaves (2) e na freguesia de Góios, em Barcelos (3).

Manuel Heleno cita outros locais onde apareceram jóias deste tipo, como em Palmela, Rio Maior (Senhora da

(1) M. Heleno, «Jóias pré-romanas», cit.

(2) Mário Cardozo, «Novo achado de jóias pré-romanas». *Revista de Guimarães*, Guimarães 1944, vol. LIV, pp. 26 ss.

(3) Mário Cardozo, «Mais uma achega para o estudo da joalharia pré-histórica portuguesa», *Boletim do Grupo Alcaides de Faria*, Barcelos, Ano I, n.º 2, 1950.

Luz), Torres Vedras, Água Branca, Aviz, Serpa, Cesareda (Perto do Pó), etc., sem falar nos inéditos existentes no Museu Etnológico.

Porém, algumas das citadas por aquele autor, sendo embora helicoidais, são mais arcaicas e têm hoje uma função definida depois das encontradas em S. Pedro do Estoril, que estavam ainda enfiadas nas falanges da mão de um cadáver (1).

Em Espanha são conhecidas jóias destas em Monochil, estação pertencente à cultura argárica (2).

No Museu de Madrid e procedente de Mujibar existem onze hélices de ouro muito semelhantes às encontradas agora em Torres Vedras. Estavam juntas a um bracelete (?) ou argola, também de ouro, muito parecido com o que adiante descreveremos (3).

Jóias deste tipo também apareceram em França em Singleyrac (Dordonha), assim como na Alsácia (Donanberg-Haguenau) (4).

Encontram-se assim espalhadas por várias regiões, feitas de fio simples, enrolado por batimento a martelo e por aquecimento. Cronol gicamente podem ser datadas desde o final do Calcolítico até o Bronze II (Argárico).

As de Palmela (5), de Rio Maior (6), do Barro (7), de S. Pedro do Estoril (8), etc., são datadas do

---

(1) O. da Veiga Ferreira, *La culture du vase campaniforme au Portugal*, Tèse de doutoramento, ainda manuscrita, apresentada na Universidade de Paris, em Abril de 1964.

(2) P. Bosch Gimpera, *Etnologia de la Peninsula ibérica*. p. 179, fig. 129, Barcelona, 1932.

(3) E. e L. Siret, *Las primeras edades del metal en el Sudeste de España*. Barcelona, 1890, fig. 314, est. XXVI, citação de Ricardo Severo em *Portugália*, vol. II, p.71.

(4) J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie pré-historique*, T. II, p. 351, Paris 1910. F. A. Schaeffer, *Les tertres funéraires pré-historiques dans la forêt de Haguenau*. I, p. 153, Haguenau, 1926.

(5) Vera Leisner, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Les grottes artificielles de Casal do Pardo(Palmela) et la culture du vase campaniforme». *Mem. Serv. Geol. de Portugal*, N.º 8 N. S. Lisboa, 1961 (p. 42).

(6) M. Heleno, «Joias pré-romanas» cit.

(7) Vide supra, nota 5.

(8) Vera Leisner, L. Ribeiro e A. do Paço, *Grutas de S. Pedro do Estoril*. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1963. O. da Veiga Ferreira, *La culture du vase campaniforme au Portugal*, cit.

apogeu da época campaniforme. São mais grossas, com fio martelado de secção rectangular, e de ponta afilada. Estas de Torres Vedras são de fio simples, não muito grosso, e de secção circular com as pontas afiladas.

Em nosso entender as hélices de Torres Vedras (Bonabal) estarão cronològicamente situadas entre os anéis espiralados dos finais do Calcolítico e as de S. Martinho de Alcácer do Sal.

De qualquer modo, a descoberta deste espécime do Bonabal reveste-se de uma grande importância para o estudo da nossa joalharia primitiva.

IV — *O bracelete*

O bracelete tem as seguintes características: argola maciça de ouro, penanular, de secção cilíndrica, com o peso de 127,9 gramas.

A forma actual é a elíptica com os diâmetros respectivamente de 93 e 64 mm. O diâmetro do aro, na parte mais fina, é de 6 mm. e nas pontas respectivamente de 7,3 e 7,1 mm. Está deformado por ter sido atingido por uma enxada ou qualquer outro instrumento ou alfaia agrícola, quando da sua descoberta.

Comparação e cronologia:

O bracelete da Pena Seca tem como elementos comparativos em Portugal, em primeiro lugar, os braceletes ou argolas de ouro da Atouguia da Baleia (1); seguem-se-lhe o bracelete de ouro de Tellões (2), o bra-

---

(1) A. do Paço e M. Vaultier, «Braceletes de ouro de Atouguia da Baleia (Peniche)», *Bol. Estremadura*, II Série, n.º 10. Junta de Província de Lisboa, 1946.

(2) Ricardo Severo, «Braceletes de ouro de Tellões», *Portugália*, vol. II, p. 284, Porto, 1905-1908.

celete do Bairro (1), o de Baralhas (2), o de Portalegre (Urra) (3) e por fim o de Estremoz (4). De todos estes os que mais se aproximam, pela forma, são o desaparecido bracelete da Atouguia (5) e o de Baralhas.

No estrangeiro, a começar por Espanha, citamos em primeiro lugar as jóias do Tesouro de Caldas de Reyes (6), considerado do Bronze Atlântico de Santa Olalla (7), onde aparecem argolas de ouro maciço do tipo do da Atouguia da Baleia e do da Pena Seca agora apresentado.

O bracelete de Torres Vedras também apresenta alguma semelhança com um de bronze que provém de Hio (Pontevedra) e se encontrou num esconderijo de fundidor estudado por Obermaier (8). Há um bracelete de bronze de Huerta de Arriba que se pode comparar também ao de Pena Seca, e que foi incluido no Bronze Atlântico (9).

Em França podemos comparar o bracelete da Pena Seca com um de Kervazonen (Morbihan) e com outro de Grande Brière (Loire Inferior) (10).

---

(1) José Fortes, «Duas jóias arcaicas. Bracelete de Bairros», *Portugália*, vol. II, p. 413, Porto, 1905-1908.

(2) Ricardo Severo, «Braceletes de ouro de Arnozela», *Portugália*, vol. II, Porto, 1905-1908, p. 71. Vide também Mário Cardozo em «Jóias arcaicas encontradas em Portugal», *Nós*, A Cruña, 1930 e ainda J. Leite de Vasconcelos, «Novo achado de braceletes pré-romanos», *O Archeologo Português*, vol. II, p. 86-88. Segundo informação de A. do Paço e M. Vaultier o tesouro de Baralhas era constituído por 16 braceletes de ouro, além de um outro objecto do mesmo metal. Vide trabalho já citado destes autores sobre os braceletes de Atouguia.

(3) A. do Paço e M. Vaultier, «Braceletes de ouro...», cit., p. 10 da sep.

(4) M. Heleno, «Jóias pré-romanas» cit., p. 257.

(5) A. do Paço e M. Vaultier, op. cit.

(6) F. Bouza Brey, «El Tesoro prehistorico de Caldas de Reyes (Pontevedra)», *Informes y Mem.*, n.º 2, p. 10, est. I e II, Madrid, 1942.

(7) J. M. Santa-Olalla, *Esquema paletnológico de la Península Hispánica*, p. 141-166, Madrid, 1946.

(8) H. Obermaier, «Impresiones de un viage prehistorico por Galicia. *Bol. Arqueologico de la Comisión Provincial de Monumentos Historicos y Artisticos de Orense*. T. VII, n.º 149, p. 32-33, Orense, 1923.

(9) J. M. Santa-Olalla, *Esquema*, cit.

(10) J. Déchelette, *Manuel d'Arch.*, cit., Vol. IV, p. 849.

Este bracelete de Bonabal tem ainda paralelo com os braceletes em forma de sanguessuga de Vernaison (Rhône), com os de Paseka na Morávia, e com os braceletes lisos de Heathey Burn Cave e Beachy Head, Cottingham, Little Chard e Liss (1).

Cronològicamente é difícil marcar com segurança a idade do bracelete de Pena Seca, pois não apareceram quaisquer outros elementos de prova; em todo o caso, podemos dizer que este tipo de bracelete acompanha, no estrangeiro, a espada de lingueta e os machados de alvado de bronze, que se podem colocar, na moderna cronologia, na última metade da Idade do Bronze, a que Montelius (2) chama o período IV daquela época, e que anda à volta dos 1300 a 900 anos a. C.

Déchelette preconiza, no entanto, que para os braceletes com as extremidades rectas e engrossadas, que é o caso presente, o período deve ser o Bronze III, isto é, o primeiro período post-argárico (3).

De qualquer forma, todo o conjunto de Bonabal pertence à época do Bronze; mas a cadeia será um pouco mais antiga do que o bracelete, como vimos.

É certo que a cronologia da Idade do Bronze no Noroeste peninsular necessita de ser revista. Em todo o caso não estamos de acordo com o remoçamento dessa cultura para datas inferiores a 900 anos a. C. como pretendem alguns autores (4).

V — *Considerações finais*

Será realmente um bracelete esta argola da Pena Seca? Alguns autores opinam que estes aros de ouro serviriam como valor de peso nas trocas e transações.

---

(1) British Museum. *A Guide to the Antiquities of the Bronze Age*, 1920.

(2) O. Montelius, «Die Chronologie der ältesten Bronzezeit in Norddeutschland und Skandinavien», *Arch. f. Anthr.* XXV-XXVI, 1900.

(3) J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, cit.; H. Obermaier e A. Garcia Bellido, *El hombre prehistórico y los origenes de la Humanidad*, 2.ª Edição, Madrid, 1941.

(4) Martin Almagro, «El hallazgo de la ria de Huelva y el final de la Edad del Bronce en el Ocidente de Europa». *Ampurias*, vol. II, Barcelona.

No velho Egipto aparecem representações parietais onde figura uma balança rudimentar tendo de um lado colocada a mercadoria e do outro uma série de grandes argolas de ouro, do mesmo tipo das encontradas aqui, como valor equivalente (1).

Custa a crer que, numa época mais moderna, a arte da joalharia primitiva tenha decaído tanto. Basta comparar as jóias do período áureo dos grandes monumentos de falsa cúpula e das grutas artificiais com estas, de época mais moderna.

Não serviriam os próprios aros helicoidais para trocas ou transações com o valor de moeda?

Sabe-se que, em época mais recente, os Lusitanos utilizavam pedaços de prata como valor monetário (2) e outros povos passaram também pela mesma fase (3). Vemos, no entanto, que nesta época, os objectos de ouro faziam parte das peças de adorno, que se desenvolveram muito nos finais do período do Bronze e em toda a Idade do Ferro, para atingirem o máximo na faustosa época romana.

O ouro foi sempre procurado desde épocas remotas em todo o mundo; e assim, os povos gregos filiavam na lenda e na fábula o início do trabalho dos metais. A metalurgia do ouro deve ser tão velha, pelo menos, como a do cobre (4).

O nome do país ou da região onde nasceu a metalurgia perdeu-se no decorrer dos séculos. Foi sempre de tal ordem a importância do ouro que, na Antiguidade clássica, se forjou a famosa lenda dos Argonautas que, no meio de grandes trabalhos e perigos, procuravam

---

(1) M. Vaultier, «Influência egípcia no Bronze mediterrâneo». *XIII Cong. Luso-Espanhol para o Progr. das Ciênc.*, T. VIII, p. 695-702; Lisboa, 1950.

(2) J. Leite de Vasconcellos, *Elenco das Lições de Numismática*, p. 18, Lisboa, 1889 e *Religiões da Lusitânia*, vol. II, p. 93, Lisboa, 1905.

(3) M. Heleno, *Do estudo e origem da moeda*, p. 31, Lisboa, 1924.

(4) M. Cardozo, *Das origens e técnica do trabalho do ouro e sua relação com a joalharia arcaica peninsular*, p. 10, Guimarães, 1957.

o célebre «velo de ouro», símbolo de riquezas minerais tão ambicionadas (1).

A riqueza da Península em minérios é mencionada desde remotas eras. Desde Possidónio a Estrabão, que vários autores da Antiguidade falam da nossa riqueza em metais preciosos assim como da nossa metalurgia primitiva que certamente muito antes da Idade do Ferro se teria desenvolvido, como o demonstram as jóias aqui aparecidas a partir do apogeu da cultura do vaso campaniforme.

Estrabão diz textualmente: «Nem o ouro, nem a prata, nem o cobre, nem o ferro nativos se tem encontrado em parte alguma com tanta abundância e de tão excelentes qualidades» (2).

A região de Torres Vedras não é, do ponto de vista mineiro, rica em ouro. Este deveria vir do Tejo, que foi sempre considerado um jazigo do precioso metal pois que ele próprio o arrastava nas suas águas, naturalmente como ainda hoje. As jazidas da Caparica (Adiça), Trafaria, S. Julião da Barra, etc., trabalharam até, pelo menos, a Intendência do Barão d'Eschwege (3).

Não falando do ouro do Norte do País, que não interessa agora, ao citarmos o ouro do Tejo, podemos apontar as seguintes regiões auríferas que canalizavam, e ainda hoje canalizam, o ouro para o Tejo: Idanha-a--Nova, Rosmaninhal, Salvaterra, Monfortinho, Penamacor, etc., etc. (4).

A Idanha-a-Nova é também uma região muito rica, segundo o nosso testemunho próprio presencial, desde que ali ajudamos as escavações do nosso amigo Dr. D. Fernando de Almeida.

Já Hübner havia registado no *Corpus I. L.* uma lápide, que infelizmente desapareceu, ou não se sabe onde pára hoje, procedente da velha Egitânia, na qual um indivíduo de nome Tibério Cláudio Rufo manifesta o seu reconhecimento e devoção ao «Pai dos Deuses»

---

(1) M. Cardozo, «Das origens...» cit., p. 10.

(2) Mário Cardozo cita Estrabão, *Geografia* III, 2, 8, no seu importante trabalho *Das Origens...*, cit.

(3) P. Choffat, «Le Baron d'Eschwege (1777-1855)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. IX, Lisboa, 1913, p. 200 e 201.

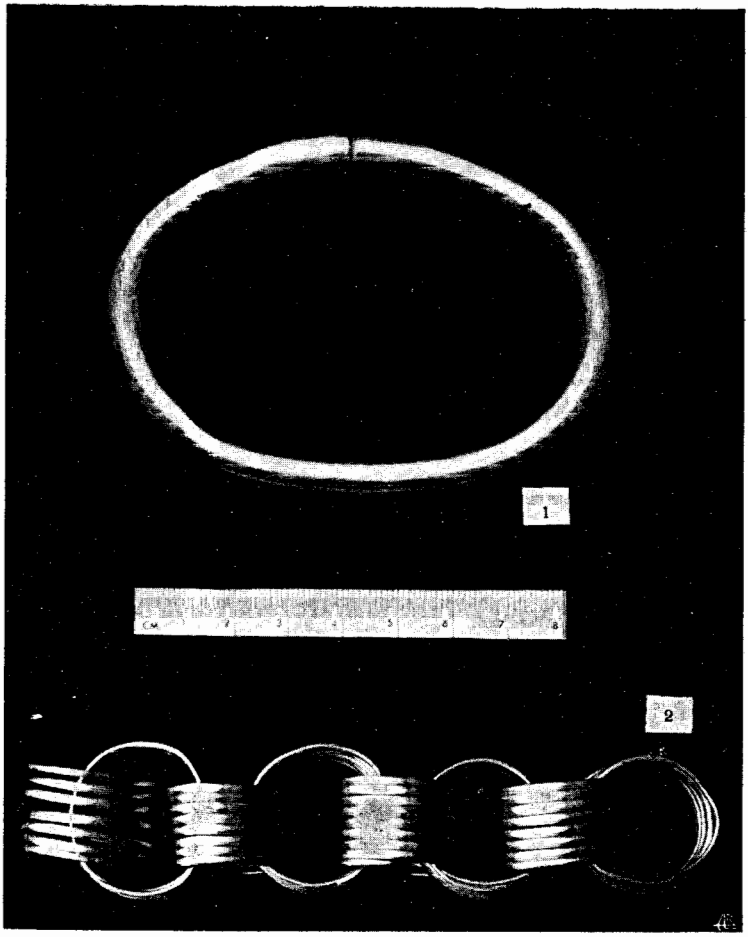
(4) S. Schwarz, «Arqueologia Mineira», *Bol. de Minas*, do ano de 1933, Lisboa, 1936.

por lhe ter concedido a sorte de haver encontrado 120 libras em peso de ouro, o que hoje lhe facultaria o o título de milionário (1).

Estamos convencidos de que do ouro do Tejo deveriam ter sido fabricadas as jóias aparecidas na Península de Lisboa, entre as quais as de Bonabal pois ainda hoje ali é desconhecida qualquer mina ou jazida aurífera, a não ser a das aluviões do referido rio.

---

(1) Vide E. Hübner, *C. I. L.* II, p. LI, n.º 5132, citado por Mário Cardozo no seu trabalho *Das origens...* cit.



Jóias de ouro de Bonabal (Torres Vedras)

1 — Bracelete. 2 — Cadeia de elos helicoidais.